

A Parada de Ônibus no Eixo Rodoviário de Brasília e a Linha do Horizonte

Por Cristiano Ricardo · Publicado em 13/04/2010

Conto curto e sensível por Cristiano Ricardo sobre cenas cotidianas do Brasil urbano, mesclando prosa ritmada, leve ironia e ecos da nossa história.

Versão online e eventuais atualizações:

<https://cristianoricardo.com/post/a-parada-de-onibus-no-eixo-rodoviario-de-brasilia-e-a-linha-do-horizonte-2010-04-13>

Lúcio Costa desenhou as asas. Oscar Niemeyer esculpiu as cúpulas brancas em concreto armado.

Mas quem habita o Eixo Rodoviário às cinco da tarde é o homem da marmita de alumínio.

O céu do Planalto Central é de uma imensidão que humilha qualquer ambição imperial: não há montanhas para escorar o olhar, apenas o azul infinito que desaba sobre o cerrado.

Na tesourinha da Asa Norte, o ônibus 'Circular W3' atrasava quarenta minutos.

Um rapaz de terno sintético, recém-aprovado em concurso público temporário, abanava-se com o crachá plástico.

— Esse traçado modernista é maravilhoso nos livros de arquitetura suíça — murmurou ele para uma senhora sentada no banco de concreto. — Mas quem planejou uma parada sem sombra no meio do cerrado de setembro claramente almoçava em Genebra.

A senhora abriu uma sombrinha estampada com flores amarelas.

— Meu filho, Juscelino prometeu cinquenta anos em cinco. Quarenta minutos de espera no ponto tá dentro da média histórica nacional.

O ônibus apontou na curva do asfalto quente tremeluzindo como miragem no deserto.

Subiram todos em silêncio ordeiro.

Ao fundo, o Palácio do Congresso brilhava reluzente, intocado pela poeira vermelha que tingia a barra das calças do povo.

Cristiano Ricardo — Escritor

Crônicas Brasileiras & Flagrantes do Cotidiano · Publicado em 13/04/2010 às 02:15.